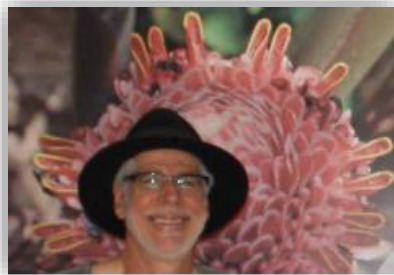


IV - Contos

1. Meu Primeiro Computador



Renato Ferraz de Arruda Veiga

Eng. Agr. FAZMACG (1979), Me. (1990) e Dr. (1996) pela UNESP-Botucatu. Pesquisador Científico VI (aposentado) pelo Instituto Agronômico de Campinas (IAC), de 1980 a 2014. Diretor Técnico e de Divulgação da Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos (SBRG), Editor Chefe da Revista RG News e Diretor Administrativo da Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola – FUNDAG.

Introdução

Quando nos tornamos idosos, e mais ainda quando nos aposentamos, necessariamente passamos por uma reflexão, dia a dia, e sentimos uma necessidade imensa de querer agradecer a todos que nos ajudaram na vida! Logicamente que isto é impossível, porque alguns destes anjos já voaram para se encontrar com Deus, mas encontrei uma maneira de agradecer, pelo menos para alguns destes personagens, assim, para tanto quero pedir licença aos leitores para contar como tive minhas primeiras lições digitais, como pude adquirir o meu primeiro computador e apresentar os personagens desta História.

Esperamos com este conto abrir espaço para quem deseje se expressar desta forma para registrar suas memórias em recursos genéticos. Os colegas idosos, como eu, entenderão a história a seguir!

Aconteceu

Durante a graduação, na Faculdade de Agronomia e Zootecnia "MCG", de Espírito Santo do Pinhal - SP, hoje Unipinhal, tive que abusar do apoio logístico de meu saudoso pai, Dr. Ary de Arruda Veiga [então Chefe da Estação Experimental de Tietê – do Instituto Agronômico de Campinas (IAC) Figura 1.], pois necessitava adquirir uma máquina muito cara na década de setenta, uma calculadora científica, a ser utilizada nas aulas de estatística e topografia – logicamente aprendi muito com aquela máquina sensacional, mas, ainda não era o “meu computador”!

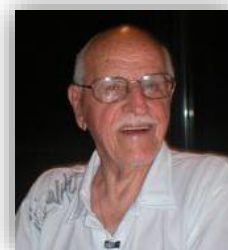


Figura 1. Ary de Arruda Veiga



Figura 2. Augusto Tulmann Neto

Meu contato inicial com um computador aconteceu nas férias do penúltimo ano da faculdade, quando fiz estágio em melhoramento de feijão irradiado, com o Dr. Augusto Tulmann Neto, Figura 2., no Centro de Energia Nuclear para a Agricultura (Cena), em Piracicaba (logo ao lado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ/USP), quando ainda era o tempo de “furar os cartões”, em 1977, fato que ficou

adormecido por dois anos, já que só depois de formado, quando realizei estágio na Seção de Botânica Econômica do IAC, voltei a chegar perto de um computador, pois, coincidentemente minha sala localizava-se no andar de cima da Seção de Computação, no Edifício Franz W. Dafert, na qual o “Cisco” ocupava uma sala inteira – aqui foi apenas uma relação “osmose” por vizinhança! Mas, em 1980 fui contratado e aí sim, naquela década, fiz meus primeiros treinamentos com “*The Basic (Beginner's All-purpose Symbolic Instruction Code)*”, em aulas ministradas pela Seção de Computação do IAC, com dois alunos por máquina – mas quando chegava no meu prédio da Seção de Botânica já havia esquecido tudo, pois não tinha computador para treinar, nem no próprio serviço e muito menos em casa.



Figura 3. Emílio Bruno Germek

De qualquer forma, a década de oitenta foi rica para mim, não com computador, mas aprendendo a digitar em uma máquina de escrever *Remington*, e foi nela que digitei o meu primeiro levantamento dos recursos fitogenéticos do IAC, e onde organizei os dados de passaporte das principais culturas da instituição, em um único documento, a pedidos de meu saudoso chefe e orientador Dr. Emílio Bruno Germek (Figura 3). Os últimos anos da década de oitenta e os primeiros da década de noventa, foram também muito profícuos, já que compramos para Sistema de Introdução e Quarentena de Plantas – IAC (o qual coordenava, após reforma institucional) uma maravilhosa máquina de digitar elétrica – quanta modernidade, até podia apagar os erros com o chamado “corretor”. Fica claro aqui também, que ainda não era o “meu computador”!



Figura 4. José Francisco Montenegro Valls

Foi somente no ano de 1994, quando havia realizado todo o meu trabalho do doutorado, na UNESP-Botucatu, com *Arachis sylvestris* (A. Chev.) A. Chev. (hoje: *Arachis veigae* S.H.Santana & Valls - em minha homenagem), que por uma necessidade de minha tese, e por sugestão do Dr. José Francisco Montenegro Valls (Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia – meu “irmão de coração” Figura 4.), apoiado financeiramente pelo *Programa Cooperativo para el Desarrollo Tecnológico Agroalimentario y Agroindustrial del Cono Sur* (Procisur) – por intercessão da Dra. Clara Oliveira Goedert (também da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, e então coordenadora internacional do programa de recursos genéticos do Procisur – primeira entrevistada da revista *RG News*, Figura 5.) que viajei para

Corrientes para me orientar com o Dr. Antônio Krapovickas – *Instituto de Botánica del Nordeste* (Ibone – CONICET/UNNE – Argentina), maior autoridade no gênero *Arachis* no mundo, e quem publicaria a monografia do gênero com 60 espécies novas. Isto era necessário para mim, já que eu, embora não fosse um taxonomista, levantaria a hipótese de que todas as 20 populações de *A. sylvestris*, nada tinham a ver com exsicata original depositada por Augusto Chevalier, no Museu de Paris, e que, também, citaria que uma das populações trabalhadas na tese sequer seria da mesma



Figura 5. Clara Oliveira Goedert

espécie que as demais; aliás, concluíra que seria uma nova espécie (hoje: *A. seridoënsis* Valls, C.E.Simpson, Krapov. & R.Veiga) – entenderam porque eu tinha que ter contato com a nova monografia do gênero, preparada pelo Dr. Krapovickas?



Figura 6. Antonio Krapovickas e Carmem Leila Cristóbal

Enfim, fui muito bem recebido pelo saudoso Dr. Krapovickas (então, Presidente da Sociedade Argentina de Genética) e por sua esposa Dra. Carmen Lelia Cristóbal (então, Presidente da Sociedade Argentina de Botânica – o herbário do IBONE hoje leva o seu nome), Figura 6, que me abrigaram tão gentilmente em sua própria casa, em Corrientes – Ar. (Pessoas espirituosas, pelos cargos citados, eles jocosamente se chamavam de “a ditadura científica da Argentina”).

Tenho que dizer que ficar trabalhando no herbário do Ibone, com a orientação destes dois grandes amigos-mestres-ídolos, foi um presente divino! Desculpem-me, ainda sobre o computador, foi aí que vi pela primeira vez um diminuto notebook, carregado para todo lado pelo Dr. Krapovickas – apenas vi, é lógico!

Bem, para encurtar a história! No dia em que voltaria para o Brasil, a Dra. Carmem me chamou num canto, e disse: - Renato, sei que você recebeu U\$ 1,000 do Procisur, e percebeste que não deixamos você gastar um Peso Argentino sequer - enfim, tudo tinha um propósito! – Ao chegar ao Brasil quero que você me mande uma carta escrita no computador que você vai comprar com este dinheiro, foi por isto que lhe ajudamos aqui, nada de *soñar con vidiocasetera!*

Aí, ao chegar ao Brasil, sem o meu videocassete, corri para comprar o meu primeiro XP (<http://www.museudocomputador.org.br/>) com uma maravilhosa impressora matricial, cuja primeira impressão foi uma cartinha de agradecimento aos amigos argentinos!

Considerações finais



Agora sim chega ao fim a minha história que, sem os amigos, jamais teria ocorrido naquela época de “vacas magras”. Muito obrigado a todos que me ajudaram nesta caminhada profissional, bem como ao meu primeiro computador, sem os quais jamais teria sido o pesquisador que fui em recursos fitogenéticos, em especial com o gênero *Arachis* L., além, é claro, de ser o primeiro Editor Chefe da revista RG News!

Esperamos ter mostrado de forma sintética e divertida o avanço do manejo da informação, uma condição essencial para o estudo dos recursos genéticos, resultante da interação homem-máquina, que sem os avanços da computação teria muita dificuldade para viabilizar.